

O Golem Digital: a narrativa transmídia como estratégia na construção de uma verdade

The Digital Golem: the usage of transmedia narrative as a strategy to frame a truth

Paulo Noboru de Paula Kawanishi*

RESUMO: Este artigo tem como objetivo tratar dos efeitos da narrativa transmídia na construção de um ser legítimo para exercer a função foucaultiana de autor durante as manifestações ocorridas no Brasil em 2013. Buscando compreender as relações que levaram a figura controversa do Anonymous à posição de autor, recorreu-se aos conceitos de autoria, de memória e de narrativa transmídia para fundamentar a análise de três excertos aqui expostos. Neles, apontaremos como a dinâmica entre memória e mídia possibilitou a construção de diversas representações do Anonymous, formando uma complexa rede que sustentou sua legitimidade e o materializou como pilar de sustentação da verdade em um momento histórico tão turbulento.

PALAVRAS-CHAVE: Autoria. Transmídia. Discurso.

ABSTRACT: This article aims to question the effects of transmedia narratives in the composition of a genuine being, which wields the foucaultian function of author during Brazil's 2013 manifestations. Looking to grasp the relations that led Anonymous to its position as author, drawing from the concepts of authorship, memory and transmedia narrative to establish an analysis of the three excerpts shown here, through which we explore how the dynamics between memory and media allow for a diversified construction regarding the representation of Anonymous, establishing a complex network which has sustained and materialized Anonymous as a pillar sustaining the truth at a turbulent moment in history.

KEYWORDS: Authorship. Transmedia. Discourse.

1. Introdução

Quatro anos se passaram desde que mais de um milhão de brasileiros foram às ruas, por todo o país, e gritaram não ser apenas por vinte centavos. Em 2013, jovens, adultos, crianças e idosos diziam querer lutar por um país melhor e eles se uniram para andar pelas grandes avenidas do país. Em meio a todo esse grande acontecimento, uma figura, até então misteriosa para muitos, ganhou espaço dentro das discussões sobre as manifestações e teve seus dizeres repetidos por muitos dos manifestantes. Uma entidade cuja existência só pode ser justificada pela transposição das barreiras que separam o mundo “real” do digital.

O nome “Anonymous” começou a aparecer na mídia há alguns anos e nunca esteve distante de polêmicas. Desde o roubo de dados de uma grande companhia de segurança (OLSON, 2012

* Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

[2014]) até a campanha contra as empresas de cartão de crédito Visa e Mastercard, o Anonymous sempre apareceu como um ser contraditório que, em alguns momentos, agia como o Robin Hood anarquista do mundo digital e, em outros, pregava peças com outros usuários, satisfazendo-se ao prejudicar outras pessoas pelos *lulz*¹. Utilizando a tecnologia digital, ele hackeia sistemas, burla e trespassa barreiras para, de acordo com muitos, lutar pelo o que é certo.

Vários estudiosos passaram a se preocupar e refletir sobre a figura do Anonymous que claramente carregava uma ironia por onde passava: um nome de uma entidade sem nome. Quem então era o Anonymous? É apenas um? Ou um coletivo? Em um estudo que a levou a conviver com várias pessoas que diziam ser Anonymous ou agir sob o nome do Anonymous, Coleman (2014) consegue explicar a complexidade do sistema, da rede que constitui o nome “Anonymous”.

Baseando-nos na pesquisa de mestrado (KAWANISHI, 2016) desenvolvida sobre as manifestações de 2013 no Brasil e o papel do Anonymous como autor, buscamos desenvolver este artigo focando em uma parte específica, mas de extrema importância, do que foi desenvolvido na dissertação: o uso da transmídia. Como ponto crucial da pesquisa de mestrado, tínhamos a questão de como o Anonymous conseguiu ter legitimidade para exercer a função discursiva de autor (FOUCAULT, 1969 [2006]), sendo que a falta de uma identidade definida é constituinte de seu ser.

Como resultado de nossa pesquisa, encontramos processos discursivos que acabavam construindo discursos de verdade em meio aos dizeres dos seguidores do Anonymous na rede social Facebook. Uma característica que se mostrou recorrente era a presença das mais diversas mídias. Sendo assim, buscaremos discutir e apresentar elementos teóricos e breves análises para poder discorrer sobre o papel de uma narrativa transmídia, como é definida por Jenkins (2006), na construção e legitimação da entidade Anonymous.

2. Pressupostos teóricos

Antes de entrarmos na discussão sobre o uso da narrativa transmídia, é fundamental esclarecer certos pontos relacionados ao contexto em que esta foi utilizada. Tratar da figura do Anonymous, no período das manifestações de 2013, e discutir o papel da transmídia é levantar

¹ Transformação da abreviação “*lol*” (*lots of laughs*), o *lulz* pode ser definido como um estilo de humor que sustenta as ações de vários núcleos do Anonymous.

questionamentos em dois âmbitos: a autoria e a memória. O primeiro é tomado para que possamos questionar a produção de discursos de verdade e de uma posição de autoridade, ambos notoriamente relacionados ao Anonymous, e o segundo auxilia nessa discussão para, então, assimilar como tanto o discurso de verdade quanto a posição de autoridade eram sustentados. Só então será possível ocupar-nos da questão da transmídia e de como ela teve o papel de materializar o constructo digital que é o Anonymous. Ao considerarmos a memória como elemento constituinte da legitimidade do autor, é possível conceber o funcionamento da narrativa transmídia que aconteceu em volta do Anonymous. Vamos, primeiramente, passar de forma breve sobre a conceitualização de autoria por Foucault (1969 [2006], 1970 [2011]), discutir a ideia de memória, baseando-nos no trabalho de Derrida (1995 [2001]), para depois apresentamos o conceito de narrativa transmídia.

2.1 Autoria

O Anonymous se destacou por suas ações hackerativistas, mas, também, pelo mistério que o envolve. O anonimato constituinte gerou (e ainda gera) diversas discussões sobre a validade de suas ações e de suas palavras. Muitos procuraram, desde a sua primeira aparição, descobrir e divulgar a verdadeira identidade das pessoas que estariam envolvidas com o Anonymous, tendo como objetivo conseguir definir, claramente, o que ele seria. Outras pessoas que acreditavam no Anonymous pareceram simplesmente aceitar como corretas as suas ações e tomar as suas palavras como verdade. São essas pessoas que acabaram acompanhando, nos *sites* de redes sociais, os perfis e as páginas relacionadas à figura, como a página “Anonymous Brasil” da rede social digital Facebook. Entretanto, a desconfiança do primeiro grupo é fundamentada em um preceito bem conhecido socialmente de não acreditar naqueles que não conhecemos, em estranhos, prática tal que destitui a palavra de algumas pessoas da possibilidade de carregar a verdade.

A figura do autor passou por transformações históricas e chega, agora, em um momento em que é procurado pelas pessoas, mas a linha que separa um autor com legitimidade de um sem credibilidade é tênue. Buscamos em Foucault (1969 [2006]) a conceitualização de autor e, sendo assim, acabamos tratando este como uma função exercida com o objetivo de inserir determinados discursos, de ancorá-los em certo momento sócio-histórico, em uma formação discursiva. Uma vez que o filósofo trata dos discursos como acontecimentos, estes precisam ter um ponto de origem que proporciona o tom de novidade, posto que, como Foucault (1970

[2011]) afirma, não há novidade alguma no que é dito, mas apenas nas circunstâncias em que o dizer emerge.

Os discursos serão relacionados ao autor, não como uma pessoa, mas como um nome que significará e, como consequência de processos anteriores, será responsabilizado pelos dizeres. O nome aparece como uma partícula fundamental para que a função seja exercida. É através dele que haverá a amarração dos discursos. Esse nome, porém, não é o de uma pessoa comum, um nome próprio. Para o filósofo (FOUCAULT, 1969 [2006], p. 43), “a ligação do nome próprio com o indivíduo nomeado e a ligação do nome de autor com o que nomeia não são isomórficas e não funcionam da mesma maneira”. Eles são diferentes na medida em que o segundo, ao sofrer qualquer mudança, não resignifica seu portador, ao contrário do primeiro que está atrelado a uma representação e que qualquer mudança pode levar à transformação de seus dizeres.

A grande questão que se levanta ao pensar no funcionamento do nome do autor é como isso se aplica ao Anonymous, cujo nome remete à ausência de um nome. No caso do Anonymous, figura conhecida por estar envolvida com grandes manifestações, um discurso que constitui ações contra o governo pode ser visto como um discurso revolucionário por emergir dos dizeres desse autor. Durante os protestos, as ações contra ou a favor do governo não eram aceitas se viessem significadas por bandeiras de partido. Esse é um exemplo de uma das representações que foram formadas ao redor do nome “Anonymous” e que o deslocaram para o campo de um nome próprio. Tais representações são constituídas pelas memórias dos sujeitos que seguem o Anonymous e, assim, constroem uma verdade sobre.

A memória, como mencionado anteriormente, é um outro conceito importante para compreender como as representações construídas do Anonymous ocupavam uma posição de legitimidade. Deve-se considerar que o ato de lembrar exige o esquecimento (CORACINI, 2007), e este acaba selecionando, matando aquilo que não é arquivado. Nenhuma memória é uma história fiel do passado, mas, sim, uma narrativa que a cada vez é (re)construída a partir do arquivo (DERRIDA, 1995 [2001]) de que dispomos. O ato de lembrar se dá através da (re)organização de uma ordem de significantes, criando, assim, um nova narrativa. Como explica Andrade (2011),

[a] memória seria, então, um conjunto de fragmentos desordenados, descontínuos, recalcados, diluídos, “esquecidos” no inconsciente, que, num determinado momento, um “eu” se põe a “lembrar” e a organizar na linguagem, por intermédio de uma narrativa, dando um sentido para os

pedaços que afloram no discurso, construindo, enfim, uma história, de certa forma una e com um final (...). (ANDRADE, 2011, p. 84)

As narrativas que constituem as representações são construídas com as memórias invocadas por certos significantes associados ao Anonymous. A grande quantidade de pessoas que seguem os perfis e as páginas relacionados ao Anonymous aponta para um movimento de contra-assiantura (DERRIDA, 2002 [2012]) dos sujeitos, o que indica uma confiança nesse ser misterioso baseada em certas memórias. Seu próprio nome, para os seguidores que conhecem algumas manifestações que ocorreram pelo mundo, pode invocar a memória de revolução, hackerativismo, dos salvadores da Primavera Árabe. A máscara do Guy Fawkes, adotada pelo Anonymous como seu rosto, seu símbolo, invoca a memória da revolução da qual Guy Fawkes participou, assim como dos ideais defendidos pelo personagem V, da obra V de Vingança (2006), da qual a máscara foi retirada. Esses são apenas alguns elementos que colaboram para que o Anonymous seja representado como um ser legítimo para tratar das grandes manifestações que ocorriam no Brasil e para apresentar as verdades escondidas pelo governo.

São essas representações que sustentam sua legitimidade e acabam com a problemática da ausência de um nome. Os usuários da internet utilizaram as ferramentas disponíveis para construir as representações da maneira mais legítima possível, o que, dentro do mundo digital, traduz-se como o uso de uma extensa rede de referências que acaba produzindo o efeito de confiabilidade. Através dessa rede, formada pela justaposição de diversas mídias, a malha do discurso de verdade foi tecida.

2.2 Transmídia

Como consequência do grande número de seguidores, a página “Anonymous Brasil” teve um aumento no número de comentários durante as manifestações. A cada postagem que era feita na página, encontravam-se de cem até três mil comentários. Fora nesse espaço digital que os seguidores encontraram liberdade para expressar suas dúvidas, suas ansiedades e para depositar suas esperanças nas mãos do Anonymous através daqueles que ali o representavam.

Por meio de seus comentários, os usuários teceram as narrativas sobre as quais já comentamos. Justapondo suas ideias, suas opiniões e seus desejos, eles acabaram, de certa maneira, delineando a figura do Anonymous que acreditavam existir. Suas narrativas constituíam verdades sobre o Anonymous e sobre o que ele iria fazer. Em meio a essas, encontrou-se uma estratégia discursiva recorrente entre os comentários dos usuários. Estes,

através da possibilidade de manipulação das mídias mencionada anteriormente, passaram a produzir e a reproduzir narrativas por meio de textos, imagens e vídeos.

Sobre os estudos das mídias, Santaella (2013) discorre claramente sobre as consequências da digitalização das mídias. Transformando o que era material em digital, em linguagem binária, a computação abriu infinitas possibilidades de manipulação das mídias. Assim, qualquer pessoa com um computador e algum conhecimento básico pode, por exemplo, fazer pequenos vídeos ou juntar imagens encontradas pela própria internet. Encontramos essas produções pela internet sem compreender sua extensão e como elas acabam formando uma grande narrativa transmídia.

Uma narrativa transmídia não tem a ver apenas com o uso de mais de uma mídia, mas, sim, com como essas mídias se comunicam e colaboram para a construção de algo maior. Um exemplo apontado por Jenkins (2006) é a série “Matrix” que foi iniciada no final dos anos 90 do século XX e ganhou grande repercussão com seu primeiro filme, cuja história, ao contrário do que muitos pensam, não se limita ele. A produção considerou que haveria uma narrativa dividida em três filmes e que, de certa maneira, era autossuficiente, não exigindo que o espectador conhecesse ou consumisse mais nada do universo.

Entretanto, para criar mais detalhes, criar, na verdade, um grande universo (JENKINS, 2006), outras narrativas foram formadas em mídias diferentes e, mesmo tendo relação com a história dos filmes, também poderiam ser consumidas sem conhecimento prévio. No caso do “Matrix”, os filmes tinham como complemento as histórias apresentadas em quadrinhos, em animações japonesas e em jogos. Alguns destes contam histórias que aconteceram anos antes da narrativa do filme, enquanto outros preenchem o vazio entre um filme e outro, dando base para compreender com mais detalhes o que se desenrolou na trilogia. O importante dentro de uma narrativa transmídia é a aproximação das histórias através de diferentes mídias, mas sem que uma sobreponha a outra. Cada mídia tem sua particularidade e importância. Como Jenkins (2006) explica,

[u]ma narrativa transmidiática se dá através de múltiplas plataformas midiáticas, sendo que cada texto contribui de maneira distinta e relevante para o todo. Na forma ideal da narrativa transmídia, cada mídia trabalha com o que tem de melhor – ou seja, uma história pode começar com um filme, ser

expandida a partir da televisão, livros e quadrinhos.² (JENKINS, 2006, p. 95-96)

Muitas vezes, assistir várias vezes a um filme nos proporciona a possibilidade de visualizar mais facilmente sua história. Através de seus elementos estéticos, produz efeitos de sentido que colaboram para uma leitura. Enquanto isso, jogar em um videogame missões que estão paralelas à história principal, pode nos dar uma ideia maior das escolhas feitas pelos personagens, uma vez que você, como jogador, precisará fazê-las. Cada mídia precisa ser utilizada para que adicione algo à narrativa, não apenas para ecoar o que já fora dito nas outras.

Não se deve considerar que a narrativa transmídia foi conscientemente elaborada com o propósito de construir representações do Anonymous durante as manifestações de 2013. Entretanto, tratava-se de um momento histórico em que nenhuma autoridade conseguiu enunciar qualquer tipo de explicação sobre o quê e o porquê todas as manifestações, além da violência, estavam acontecendo, e as pessoas buscaram estar do lado que cada um considerava certo. Como Latour (2012, p. 51) pontua, “[b]em sabemos que a primeira característica do mundo social é o constante empenho de algumas pessoas em desenhar fronteiras que as separem de outras (...)”, logo, os sujeitos acabaram construindo uma autoridade que daria legitimidade à verdade de cada um e diferenciaria o certo do errado. Isso colocaria os seguidores do Anonymous do lado correto e justificaria suas ações como nacionalistas, ao contrário daqueles que estariam colaborando para a decadência do país.

Discutiremos mais a fundo o envolvimento da transmídia com o Anonymous durante as análises. Entretanto, vale aqui ressaltar que as narrativas eram criadas pelos usuários, baseados em suas próprias memórias, criando, assim, representações diversas que serviriam como entidades que propagariam seus dizeres. Afinal, era um movimento em que ninguém conseguia definir exatamente qual era a verdade sobre tudo, o real motivo para ir às ruas. Sendo assim, os usuários buscaram manifestar suas próprias verdades através de uma figura que eles mesmos construíram como legítima, dando-lhe autoridade.

² [a] transmedia story unfolds across multiple media platforms, with each new text making a distinctive and valuable contribution to the whole. In the ideal form of transmedia storytelling, each medium does what it does best - so that a story might be introduced in a film, expanded through television, novels and comics.

3. Análises

Os conceitos apresentados até então ajudaram nosso olhar analítico na compreensão de como o Anonymous ocupou a posição de autor e tinha autoridade para exercer tal função. Uma entidade sem identidade definida, o Anonymous se tornou (e ainda se torna) o que os sujeitos pensam dele. Um constructo, cujas peças heterogêneas são as representações construídas através das narrativas dos seguidores da página “Anonymous Brasil”, assim como de vários pontos dentro da internet.

Uma vez que estamos interessados no papel das diversas mídias na construção das representações do Anonymous, apresentaremos a análise de três excertos que se estendem para que possamos tentar exemplificar o alcance da rede que é formada. O primeiro se trata de um comentário deixado na própria página do “Anonymous Brasil” e, com ele, encontramos um *link* para um vídeo. Este é o excerto utilizado para exemplificar as práticas encontradas dentro da própria página do Facebook. O segundo excerto vai um pouco além. Através da ferramenta de busca do Google, encontramos uma imagem relacionada ao Anonymous, em que vemos sua faceta guerreiro, anarquista e revolucionário. Nosso terceiro e último excerto procura encerrar esta breve discussão, mas ainda apontar os infinitos e improváveis caminhos que essa rede toma. Trata-se de um vídeo encontrado no *site* Youtube, em que encontraremos o Anonymous que não só expõe uma verdade, mas confessa sua transgressão, a violação dos segredos e a vitória sobre aqueles que privam o povo da verdade.

3.1 O sábio

Um bom líder deve saber conduzir seu povo pelos momentos de dificuldade, assim como pelos momentos de abundância. Seus seguidores sempre estarão com ele enquanto ocupar a posição de alguém que sabe o que fazer, que tem a verdade ao seu alcance e levará seus seguidores com segurança ao destino certo. A partir do momento que as palavras de um líder perdem os fios da verdade e suas ordens são questionados, ele é destituído da autoridade de liderar. Os usuários da página “Anonymous Brasil” buscavam por um líder e, ao não encontrarem um, criaram e vincularam discursos de verdade a ele. Na figura 1, vemos a representação do Anonymous que alcança a verdade e pode liderar.



Figura 1.

O comentário é direto: de acordo com o seguidor, é possível encontrar as “cinco causas”, pelas quais os manifestantes devem lutar, em um vídeo intitulado “Anonymous fala sobre as manifestações”. O *link* direcionará o leitor a outro *site*, em que ele poderá assistir ao vídeo em si. Por que o sujeito simplesmente não colocou, em seus comentários, as causas? Ele poderia afirmar que a informação viera do Anonymous e que era tudo verdade. No entanto, ele preferiu compartilhar o vídeo. Vejamos, primeiro o que emerge da materialidade linguística anterior ao *link* para, depois, analisarmos a referência à outra mídia.

A objetividade do comentário se encontra em diversos pontos. Dois deles são o uso da afirmação, do presente do indicativo do verbo ser e do uso do pronome definido no plural “as”. Ambos os elementos produzem um efeito de sentido de certeza que constitui o significante “causas”, inserido nessa rede de significantes. Estas são tomadas, normalmente, como motivos para agir. Por que devemos agir? Onde deveríamos? Ora, o próprio título remete às manifestações, o que produz um efeito de sentido de que o Anonymous tem a verdade, ele a conhece e irá expô-la para convencer as pessoas a lutarem.

Outro elemento linguístico que produz o sentido de certeza, de claridade perante uma informação que para todos era tão complexa, é o processo de listagem. O seguidor da página afirma que são cinco causas, o que nos leva a interpretar que o Anonymous consegue nos explicar e nos convencer a ir às manifestações explicando cinco pontos. Além de tudo, de toda a certeza, de toda a referência à verdade sobre o presente, temos a convicção sobre o futuro que é assegurado por esse saber, efeito de sentido produzido pelo uso do verbo “dar” no futuro do presente (“singamos e tudo dará bem”). Vale como adendo que, ao estudo sobre o cuidado de si entre o século I e II, Foucault (2001 [2011]) pontua como o futuro era algo com que eles evitavam se preocupar, pois não tinham controle sobre ele. De acordo com o filósofo, existia o

homem do porvir, e ele “é aquele que, não pensando no passado, não pode pensar no presente e encontra-se, assim, voltado para um porvir que só é nada e inexistência” (FOUCAULT, 2001 [2011], p. 418). O comentário produz, ao contrário, um sentido que responsabiliza o Anonymous por essa certeza.

As referências à verdade, assim como a relação do Anonymous com ela são acompanhadas e sustentadas por um vídeo. Como já foi levantado anteriormente, por que o usuário não citou as causas? Qual é o valor do vídeo dentro da dinâmica enunciativa? Uma vez que temos apenas uma imagem do vídeo, podemos ver pouco, mas, ainda assim, conseguimos elementos relevantes.

Na cena do vídeo que fica exposta no comentário, encontra-se uma pessoa vestindo a máscara de Guy Fawkes. A pessoa do vídeo apresenta cabelos e seu cenário é diferente. Pode-se ver um logo no canto esquerdo superior, o que remete à estrutura de um telejornal. A mesma construção de cenário é encontrada em uma cena do filme “*V de Vingança*”, em que V transmite a todos os cidadãos de Londres uma mensagem pela televisão. É por meio dessa mensagem que o V expõe a verdade.

A presença do vídeo demonstra o uso dos significantes que o compõe para invocar uma memória, em que a verdade e a ação de revelá-la estão correlacionados a uma pessoa de máscara. Essa memória significa, assim, o Anonymous, o vídeo em que está presente e o comentário que utiliza deste. Existe, nesse vídeo, o Anonymous que sabe, que toca a verdade e que a apresenta a todos. Um sábio, cuja posição possibilita o exercício da função autor. Saber-poder.

Em segundo lugar, tem-se o próprio Anonymous, até então misterioso e desconhecido, “falando” com os seguidores. É possível vê-lo. Sustentado pelo hífen que ampara uma dinâmica de ser-não ser, o Anonymous aparece como alguém que, ao mesmo tempo, não é ninguém. Não há como negar que há um corpo parecido com o Anonymous, mas quem, exatamente, está ali? Envolto pelo manto de um nome que se encontra na dimensão da existência e da não existência, o Anonymous existe escondido na máscara do não ser.

3.2 O combatente

O Anonymous pode ser aquele que diz a verdade e, por isso, ocupa uma posição de poder. Entretanto, o que ele tanto faz com o poder que seus seguidores lhe dão, seria a próxima pergunta a ser feita. Outras memórias emergem, são invocadas para que possamos conhecer

uma das outras facetas do Anonymous. Além de livrar as pessoas da ignorância, ele combate os sistemas de opressão. Vejamos o próximo excerto, em que encontramos a representação do Anonymous combatente.



Figura 2.

A primeira figura apresentada foi retirada diretamente da página “Anonymous Brasil”. Contudo, consideramos ser necessário apresentar como a rede rizomática de representações do Anonymous se estende por caminhos imprevisíveis e é constituída pelas mais diversas mídias. Essa imagem foi encontrada pelo serviço de buscas do Google, quando pesquisamos sobre o termo “Anonymous”. Ela é apenas um exemplo de como, por toda a internet, imagens e vídeos são manipulados para a construção do Anonymous.

Na figura, vê-se uma pessoa que está usando a máscara de Guy Fawkes e faz sinais ofensivos com as mãos. Logo atrás, temos uma grande quantidade de policiais equipados para uma intervenção mais violenta. Escudos e capacetes com viseiras estão aparentes e constituem o uniforme de equipes como a tropa de choque brasileira, classificando-a como uma força poderosa do Estado.

Vejamos, primeiro, a composição da imagem, buscando apreender os efeitos de sentidos produzidos pelos elementos que a constituem. Encontramos o Anonymous, representado por uma única pessoa, no primeiro plano e centralizado, enquanto o fundo é ocupado pela força policial. A posição tomada pelo Anonymous o constitui como central à narrativa feita pela imagem. O contraste causado pelo enorme contingente de policiais em comparação com o único Anonymous é gritante, levando-nos ao gesto interpretativo que constitui o Anonymous como

capaz de enfrentar um grupo de policias, cujas fileiras de soldados se estende infinitamente em um cenário invisível a nós, leitores.

Os soldados estão, nitidamente, tentando se defender da ameaça que se encontra à sua frente. Não estão com as armas apontadas, evitando um conflito, mas apenas buscando sobreviver à empreitada de seu inimigo. Um único inimigo. Este, com seu gesto hostil, não desafia apenas os policias a enfrentá-lo, como também o próprio leitor. Há um efeito de sentido de intimação, em que o leitor é instigado a se questionar: não deveria estar ali? Não deveria combater aqueles que oprimem os cidadãos?

Através desse texto, mais uma representação é inserida à rede que constitui o Anonymous. Para alguns, ele será aquele que irá desafiar, diretamente, a polícia ou qualquer força armada que estiver atrapalhando seus ideais. Novamente, podemos ver o Anonymous lá com um significante recorrente: a máscara. Ela serve como um grande *link*, um elemento espetacular que funciona como eixo, um significante que evoca e é constituído por diversas memórias.

A imagem contribui proporcionando um corpo, uma âncora à realidade para a entidade sem face, como serve para evocar uma memória relacionada ao filme “V de Vingança”, a qual fortaleceria a representação do Anonymous combatente.

No filme “*V de Vingança*”, há uma cena em que uma multidão, vestida com a máscara e roupas iguais aos da personagem V, vai em direção a uma barricada policial, armada. Todas aquelas pessoas tinham um único objetivo: cumprir sua parte do trato com V e estarem presentes, na frente do parlamento inglês, na noite do dia cinco de novembro, dia em que a justiça seria feita. A cena é marcante, pois, mesmo com o risco de serem assassinados pela polícia, que havia recebido a ordem de atirar em qualquer pessoa que ultrapassasse a barricada, os cidadãos não recuaram. Tanto os cidadãos da cidade, vestidos de V quanto o próprio V são constituídos por essa coragem e espírito combatente. Essa memória acaba fortalecendo a representação do Anonymous através da relação histórica singular que a entidade Anonymous tem com o personagem V e a obra da qual faz parte.

3.3 O confessor

Até então, pudemos ver que, aos poucos, o Anonymous é significado a cada contribuição feita à sua grande rede. Como uma sequência de significantes, em que cada um é constituído e significado através da relação que estabelece com a rede, o Anonymous é um

golem³ da era pós-moderna. Nos dois casos citados, o uso de uma mídia, diferentemente do texto escrito, colabora para a materialização da entidade, fortalecendo os dizeres por ter, supostamente, seu enunciador presente, real, no vídeo. A terceira figura, retirada das buscas feita pelo *site* Youtube, serve como exemplo de uma terceira representação que, de certa maneira, comunica-se com as outras duas apresentadas.



Figura 3.

A mídia, como instituição, é um dos grandes vilões do momento atual, acusada de manipular informações e agir a partir dos lucros que pode ter ou do posicionamento político que tem. A mídia já não é mais sinônimo de verdade. Consequentemente, ela se torna alvo de ataques hackerativistas.

Nessa figura, cuja produção de sentido se dá através da relação entre imagem e texto escrito, vemos apenas um homem. Não há um cenário, onde ele estaria situado geograficamente para uma suposta identificação, como não há nenhum outro participante. Apenas o Anonymous que, agora, posiciona-se de frente para a câmera, em uma posição que não produz um efeito de desafio, mas, sim, de aproximação. Há exposição, intimidade, dando foco apenas ao que será dito, à mensagem, uma vez que o Anonymous aparece sem nenhum tipo de elemento estético que possa desviar a atenção do interlocutor de seu dizer.

Como título do vídeo, encontra-se uma afirmação sobre um ato que, socialmente, é considerado impróprio. A ação de “invadir” pressupõe a entrada em um lugar que não pertence

³ Criatura da mitologia judaica, construída com objetos inanimados e que ganha vida através da palavra “Emet”.

aos invasores. Podemos interpretar essa afirmação como uma confissão e entender que a confissão tem uma relação íntima com a verdade.

A história e, conseqüentemente, as funções da confissão podem ser traçadas até os gregos da era Clássica. Como Foucault (2001 [2011]) esclarece, o que depois se traduziu como a prática cristã da confissão era, antes, uma tecnologia de si, um cuidado de si por si que tinha como objetivo estreitar as relações do sujeito com a verdade. Desde os estoicos, versões de uma prática de confissão podem ser pinçadas. Em uma delas, o sujeito faria uma reflexão de manhã sobre o que precisaria fazer naquele dia e, depois, antes de deitar, ele deveria passar por outro processo reflexivo, só que nesse, ele precisaria ser totalmente verdadeiro sobre o que realmente havia feito. Ao buscar deixar a verdade mais próxima de si, o sujeito acaba constituído por ela.

A relação da confissão com a verdade faz com que, através de seu exercício, discursos de verdade emerjam e o sujeito seja constituído por eles. No caso do Anonymous, ele não é constituído apenas pelos discursos, mas pelo fato de enunciar a verdade, construindo-o, novamente, como aquele cujas palavras transparecem a verdade do mundo.

Qual é a verdade relacionada ao Anonymous que é confessada, atestada através de sua enunciação? Ao invadir um espaço, conseqüentemente, e confessar tal ação, ele se coloca como um criminoso. Contudo, aos olhos daqueles que acreditam e seguem o Anonymous, invadir uma estação de televisão, através da internet, não o faz ser uma pessoa de má índole. Pelo contrário, ele teria desafiado uma das grandes autoridades, demonstrando que suas barreiras, que “escondem a verdade do público”, não são impenetráveis.

Assim como, no excerto anterior, a memória da obra “*V de Vingança*” invocada constitui a representação, o vídeo utiliza dessa dinâmica entre a mídia e a memória para construir o que seria o Anonymous. Tanto no filme quanto no quadrinho, há uma passagem em que a personagem V invade uma grande instalação da maior rede de televisão do país e, após tomar as pessoas que lá estavam como reféns, ele usa o sistema de transmissão do prédio para reproduzir seu comunicado a todas as pessoas, no qual ele busca mostrar a verdade que as pessoas ignoravam. O uso do medo e a invasão da propriedade são justificados, dentro da obra, pelos propósitos em que se baseiam as ações. Por toda a obra, na verdade, assassinatos e outros atos de violência são executados em nome de uma justiça que encobre uma vingança.

O Anonymous age assim como o personagem principal do filme “*V de Vingança*” ou é assim é representado. É através de sua figura, desse significante aberto às mais diversas significações, que os sujeitos encontram uma saída para desenhar as representações de seu

Salvador que luta as batalhas necessárias, mesmo que não utilize técnicas socialmente aceitas como corretas; que estende a verdade àqueles que o seguem.

O vídeo marca uma confissão feita da maneira mais realista possível: tem-se um corpo, uma voz e um rosto. A mídia digital deixa rastros, e estes podem nos guiar àquele que realmente os deixou. O Anonymous não se posiciona, fisicamente, de maneira desafiadora ou agressiva. Ele tem seus ombros caídos, além de um ar sombrio, frio e sério, elementos que, em conjunto com os tons de cinza, produzem uma dimensão digna da prática confessional cristã. O vídeo, como mídia, atesta a veracidade do ato, fazendo com que o caráter de verdade dado à ação de confissão constitua, também, aquele que a pratica e aquilo que é dito. Apenas palavras escritas poderiam levar a todo um questionamento que deslegitimaria, até segunda ordem, a verdade confessada e o confessor. Com o vídeo, há a produção de um suposto real.

4. Considerações finais

O mundo se encontra em um momento líquido, como Bauman (2000 [2001]) discorreu por toda a sua obra, em que as formas e as verdades já não permanecem estáticas tempo suficiente para ganharem legitimidade. A velocidade das mudanças, assim como a intensidade destas, leva as pessoas a buscarem estabilidade em algum ponto para que suas verdades sejam sustentadas quando necessário. Durante as manifestações de 2013, tudo o que os manifestantes procuravam era uma verdade, enunciada por alguém de confiança, que asseguraria suas ações como corretas e os guiaria.

A construção do Anonymous como uma entidade legítima para exercer a função autor vai muito além da questão da memória e da transmídia, uma vez que os desdobramentos ficam complexos a cada nova conexão aderida à grande rede que o formou. No entanto, uma das grandes contribuições desta pesquisa é recolher exemplos, justapô-los e explicar como o uso das diversas mídias serve como mecanismo de exercício de poder nas relações dentro dos meios digitais. Com o objetivo que tinham, os manifestantes precisavam de um Anonymous legítimo, em tal nível que nada que fosse de sua autoria poderia ser considerado algo diferente da verdade. Quanto mais complexa fosse a rede que o formava, quanto mais espessa a malha que o constituía, mais real ele seria. A narrativa transmídia tem a virtualidade como uma grande vantagem para que isso tudo fosse realizado. Sem controle algum, produções aconteciam e eram inseridas à rede Anonymous. Encontrou-se, cada vez mais, imagens, textos, vídeos e até mesmo músicas em que o Anonymous estaria envolvido, foi significado e significou. Como já foi dito,

o Anonymous é um golem da era pós-moderna, uma criatura construída com barro, mas cuja vida é dada através da palavra, da narrativa.

Estudar o uso das mídias digitais, como podemos ver pela pesquisa de Jenkins (2006) por exemplo, é perceber como sua maleabilidade e virtualidade abrem quantidades impensáveis de possibilidades para as gerações que aí estão, constituindo-se, hibridamente, com essas tecnologias. Desde pessoas usando imagens de seus desenhos favoritos até os jovens que produzem conteúdo para fortalecer uma revolução, tem-se, aí, uma grande potência para transformações.

As questões sobre como a narrativa transmídia pode se encaixar nas relações de poder não se encerram no Anonymous. Vê-se, aqui, sua virtualidade em criar uma verdade e colocá-la no mundo para que se adentre em meio às relações. A força da narrativa transmídia explicita a evidente aproximação do elemento humano com o não humano, levando ambos a uma nova constituição e a novas conquistas. Se hoje os jovens podem construir figuras tão poderosas, como o Anonymous, através de seus computadores, o que não poderão fazer em um futuro não tão distante? Fica, então, um convite para que se olhe de maneira crítica, mas otimista, para as produções que surgem no meio digital. Deixemos que as vozes dos sujeitos ecoem pelas conexões híbridas, ciborgues, e que construam seus próprios sonhos transmidiaticamente.

Referências bibliográficas

ANDRADE, E. Um Arquivo Vivo em Construção. In: CORACINI, M. J. ; GHIRALDELO, C. M. (Orgs.), **Nas Malhas do Discurso: Memória, Imaginário e Subjetividade**. Campinas: Pontes Editores, 2011

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. Original: Liquid Modernity. Inglaterra: Polity Press, 2000.

COLEMAN, G. **Hacker, Hoaxer, Whistleblower, Spy - The Many Faces of Anonymous**. New York: Vero, 2014.

CORACINI, M. J. **A Celebração do Outro**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

DERRIDA, J. **Mal de Arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. Original: Mal d'Archive. Éditions Galilée, 1995.

DERRIDA, J. Pensar em Não Ver. In: MICHAUD, G.; MASÓ, J.; BASSAS, J. (orgs.) **Pensar em Não Ver – Escritos sobre as artes do visível**. Florianópolis: UFSC, 2012. Original: Penser à ne pas voir, 2002.

FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. Original: L'herméneutique du Sujet, 2001

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso** São Paulo: Loyola, 2011. Original: L'Ordre Du Discours. Paris, Gallimard, 1970.

FOUCAULT, M. O que é um autor? In: **O que é um autor?** Lisboa: Nova Vega, 2006. Original: Qu'est-ce qu'un auteur?, 1969.

JENKINS, H. **Convergence Culture**. New York: New York Press, 2006

KAWANISHI, P. **Identidade e Autoria no Ciberespaço**: os dizeres de um autor sem nome. Dissertação de mestrado. Campinas, 2016.

LATOURETTE, B. **Reagregando o Social**: uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador: Edufba, Bauru, São Paulo: Edusc, 2012

OLSON, P. **Nós Somos Anonymous**. Barueri: Novo Século, 2014. Original: We are Anonymous, 2012.

SANTAELLA, L. **Comunicação Ubíqua**. São Paulo: Paulus, 2013.

V de Vingança. Direção: James McTeigue. Warner Bros, 2006.

Artigo recebido em: 15.01.2017

Artigo aprovado em: 03.06.2017